

Ana Gabriela de Araujo 23000791
Franciele Burgos da Silva 23001071
Gabrielly Eliza do Couto Silva 23000884
Giovanna Cenzi Moraes 23000475
Heloisa dos Santos Pinto 23000204
Kamila Maria Silva de Melo 23000861
Laila Teixeira Leandrini 23000623
Márcio André Lopes Cenzi 23000128
Viviane Fonseca Mousessian 23000752

PROJETO INTEGRADO

**NOMOFOBIA E O USO DE TELEFONES CELULARES POR
CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho da Unidade de Estudo Projeto Integrado em Fundamentos dos Saberes Psicológicos, requisito do curso de Psicologia, ao Centro Universitário de Ensino Octávio Bastos, sob a orientação da Prof.^a Tamires Camargo.

**São João da Boa Vista
2023**

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a importância da discussão do tema nomofobia em sala de aula, enfatizando a faixa etária de crianças de 06 a 11 anos (anos iniciais). O aumento do trabalho se justifica pela escassez de estudos sobre o tema nesta faixa etária específica e pela ampliação do uso percebido por profissionais da educação com estes alunos. Foi feita uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de opinião, também foi desenvolvido um produto para a apresentação do problema no grupo em foco. Tal contou com a participação de todos os integrantes em sua composição, sendo composto por um tema de apresentação do conceito e atividades de reforço e fixação revestidas de caráter lúdico, apropriadas ao público alvo.

Palavras-chave: nomofobia, primeiros anos do ensino fundamental, telefone celular, tecnologias digitais

I. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, o uso disseminado da tecnologia digital possibilita acesso mais rápido e dinâmico a informações e entretenimento. Se, por um lado, os ganhos são evidentes no aumento de produtividade e na democratização da informação e do lazer, efeitos nocivos também podem ser verificados como decorrência do uso excessivo dessas tecnologias.

Um desses efeitos recebeu o nome de “nomofobia”, fenômeno ainda pouco estudado e que, pode ser resumido, na fórmula proposta pelo Dicionário Online Priberam: “medo causado pela possibilidade de ficar sem contacto através do telemóvel”. A palavra se forma com “fobia”, termo grego que significa medo e utilizado para nomear várias afecções, e a abreviação de *no mobile* (sem telefone móvel).

A universalização do uso do aparelho celular no Brasil pode ser confirmada pelos dados registrados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2021. Tal levantamento verificou que 51,4% das crianças entre 10 e 13 anos e 81,3% dos jovens entre 14 e 19 anos possuem telefone móvel para uso pessoal. Esses números apresentam uma tendência de crescimento em relação à pesquisa anterior, de 2019, que apontou os percentuais de 46,7% e 78,2%, respectivamente.

Além disso, constatou-se que, dentre a população que não possui celular para uso pessoal e não é estudante, 31,4% indicou o desconhecimento de como usar o aparelho e 25% a falta de interesse como motivo principal para tal situação. Por sua

vez, entre os estudantes, essas parcelas baixaram para 6,0% e 6,2%, respectivamente.

Tem-se, portanto, que a população jovem utiliza cada vez mais o aparelho celular e que o desconhecimento e o desinteresse não figuram como principais motivadores para essa não utilização.

A ausência de dados sobre a utilização dos aparelhos celulares por crianças menores de dez anos e o interesse em identificar os aspectos, positivos e negativos desse uso, motivaram o presente estudo, que se baseou em levantamento de artigos que relacionassem o uso de celulares por crianças nos primeiros anos do ensino fundamental e a ocorrência, ou não, de episódios de nomofobia.

O estudo de Zuin e Zuin (2018) serviu como parâmetro para a continuação do levantamento. Em tal estudo, os autores tiveram como objetivo de sua pesquisa a reflexão sobre a cultura do uso de aparelhos celulares e suas relações cognitivas e afetivas entre figuras pedagógicas e seus alunos. Com base em tais objetivos, destacaram elementos positivos e negativos da liberação do uso de celulares em ambiente escolar.

Além disso, foi observado maior interesse dos alunos em relação às matérias aplicadas em sala de aula com a aplicação de novas dinâmicas relacionadas ao emprego de celulares. Ao mesmo tempo, porém, constatou-se que o uso das tecnologias em sala de aula pode escapar ao controle, se estas não forem utilizadas da maneira correta e com supervisão dos professores, podendo, inclusive, acarretar problemas sociais e psicológicos aos alunos, como *cyberbullying*.

Tratando-se de assunto ainda pouco estudado, a correlação entre a nomofobia e o uso de aparelhos celulares por crianças nos primeiros anos do ensino fundamental se mostra importante para orientar reflexões e intervenções por parte de professores, pais, responsáveis e até mesmo para as instituições governamentais.

Os autores deste estudo têm, portanto, o objetivo de investigar as consequências do uso de celular por crianças em faixa etária que, até o momento, foge ao alcance dos levantamentos oficiais, ou seja, de seis a dez anos, e relacioná-las com a eventual ocorrência de episódios de nomofobia, possibilitando, desse modo, um levantamento inicial dos estudos disponíveis que, para além da reflexão sobre a situação atual, poderá servir como base comparativa para estudos futuros,

na eventualidade de inserção da faixa etária aqui focalizada em novas pesquisas oficiais.

II. OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Investigou o impacto do uso de dispositivos de tecnologia digital em ambientes escolares, nos anos iniciais do ensino fundamental, e registrou a ocorrência de eventuais episódios de nomofobia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Realizou uma revisão bibliográfica em artigos e livros que abordam o tema em questão;
- Popularizou as linguagens das pesquisas utilizadas para o público do Ensino Fundamental I e para os docentes;
- Investigou as consequências do uso de dispositivos tecnológicos em alunos do Ensino Fundamental I;
- Refletiu acerca da tecnologia, em especial os dispositivos móveis, argumentando sobre a postura dos alunos e dos docentes perante ela.

III. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho de pesquisa foi bibliográfica (contendo leitura de artigos sobre o assunto, buscou autores renomados, livros sobre o tema, artigos acadêmicos produzidos nos últimos 10 anos, buscando sempre referencial teórico); as bases de dados utilizadas foram Scielo e Google acadêmico, as principais palavras-chave utilizadas foram nomofobia, primeiros anos do ensino fundamental, telefone celular e tecnologias digitais; realizou pesquisas de campo com vistas a popularizar os termos técnico-científicos através de vídeos interativos, em que será abordado o conteúdo de uma forma pedagógica.

Foi realizada também uma pesquisa de opinião pública através de um formulário eletrônico favorecendo o anonimato dos participantes a respeito da utilização do celular e os dados foram discutidos de acordo com o referencial teórico desta pesquisa.

V. REFERENCIAL TEÓRICO

Como resultado da revisão bibliográfica realizada, foram organizadas as informações no que se refere a três principais temas: os aspectos positivos e negativos da utilização de celular na faixa etária focalizada, a ocorrência de episódios de nomofobia e a postura dos educadores quanto aos dois primeiros tópicos.

Antes, contudo, de passar à exposição dos resultados encontrados, faz-se necessário o recurso ao referencial teórico disponível em relação a três dos elementos constantes no título e nos propósitos deste estudo: os anos iniciais do ensino fundamental, o telefone celular e a nomofobia.

Com isso, pretendeu-se a equalização dos conceitos utilizados neste estudo com aqueles disponíveis e empregados na produção intelectual e científica atual, principalmente no que diz respeito ao espírito desta época e aos saberes psicológicos constituídos.

V.II - O TELEFONE CELULAR

Elemento normalizado na vida cotidiana, a definição do telefone celular aparentemente não implica grandes discussões. No entanto, essa naturalização de seu uso pode camuflar questões importantes relativas ao seu estatuto e às implicações dele decorrentes.

Com a comercialização iniciada nos últimos anos do século passado e popularizada neste, o telefone celular surge num contexto ainda sob estudo por parte de teóricos de todos os ramos do saber e que recebeu diferentes nomeações como *Pós-modernidade* (LYOTARD, 2018), *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001), *Dromosfera* (VIRILIO, 2009) e *Sociedade do Cansaço* (HAN, 2018).

Todas essas nomeações registram uma realidade de aceleração, fragmentação, diminuição e abolição das distâncias físicas, consumismo e horizontalização das relações sociais.

Na investigação da ontologia do telefone celular, as reflexões dos teóricos acima citados apontam para intuições e constatações que se revelaram acertadas. Lyotard (2018), por exemplo, adicionou ao seu registro da perda da credibilidade dos

grandes relatos a previsão de um momento, já acontecido no cenário atual, em que “os conhecimentos sejam postos em circulação segundo as mesmas redes da moeda”, (*idem*, p. 07). Bauman (2016), por sua vez, afirma que a cultura da sociedade de consumo privilegia o esquecimento no lugar da aprendizagem.

Tais posicionamentos merecem ser considerados na formulação da categoria a que se vincula o telefone celular. A primeira opção parece ser a de qualificá-lo como uma coisa, uma vez que não se trata de um ente animado. A classificação não é indisputada, pois, ainda que vencida a questão sobre a ausência de vida própria, não se pode esquecer a lição de Heidegger, que em muito influenciou o desenvolvimento dos estudos ontológicos destes tempos, bem como o estabelecimento de determinado ramo dos saberes psicológicos do século passado. Diz Heidegger (2018) que até o *cogito* cartesiano qualquer coisa que subsistisse por si mesma teria o valor de um *sujeito*; no entanto, com a peculiaridade do *eu* diante de todas as outras coisas, essas últimas passam a existir relativamente ao *eu*, que se afigura como sujeito por excelência, indo ao encontro dele e, por isso, recebendo o nome de *objeto*.

A questão tampouco se aquieta nessa classificação, principalmente quando são observadas as implicações do emprego de *objeto* no campo dos sistemas psicológicos, especialmente da psicanálise, como se verá adiante, e, antes ainda desse exame, em áreas específicas da filosofia, como a estética.

É desse campo que advém a contribuição de Perniola (2005), para quem é constitutivo da coisalidade (*Dingheit*) a fidelidade, o entregar-se, que ele identifica com algo de seguro que Heidegger teria nomeado de *terra* ou *terrestridade*; além disso, propõe que há entre coisa e sujeito uma relação de aproximação, não de fusão, em que não se anula a distância.

Han (2022) entende que essa aproximação já aboliu os pontos de distanciamento no que se refere aos aparelhos digitais. Para ele, “o *smartphone* é *smart* porque tira o caráter de resistência da realidade” (p. 47), desconstituindo a condição de “obstáculo” que a etimologia *obicere* sugere. Han ainda elege o *smartphone* como símbolo deste tempo, com dominância do liso e do reto, ou seja, de acesso ilimitado, sem arestas e rugosidade (p.49); é por isso “o objeto devocional do regime neoliberal” (p.51). Dessa forma, Han elenca o telefone celular como uma *não-coisa*.

O conceito de *não-coisa*, embora aparentemente contraintuitivo, não é novo. Retoma a ideia de *inobjeto*, descoberta nos escritos póstumos de Flusser (2005), que constata que as informações atuais são de um novo tipo, pois moles a ponto de escapar entre os dedos, são intangíveis, e, portanto, são *inobjetos*; além disso, aponta para um deslocamento do interesse humano, que tem abandonado os objetos, preferindo a informação, tornando todo o resto desprezível.

Flusser (2005) ressalva que não se observa um rareamento dos objetos e constata, inclusive, uma invasão de *gadgets*; no entanto, vê neles *falsos objetos*, “distribuídos a preço vil para serem jogados fora”, não sendo possível ater-se a eles.

Vários podem ter sido os motivos para que Flusser não publicasse e desenvolvesse o estudo sobre os *inobjetos*. Por outro lado, talvez seja prudente aguardar a recepção e crítica das *não-coisas* de Han. O contato com esses conceitos não se mostra, contudo, improdutivo, pois, a partir deles, é possível o resgate de outra contribuição de Flusser: a conceituação de *aparelho*.

Em sua investigação anterior sobre a câmera fotográfica, Flusser (2009, pp. 19-28) analisa o caminho que vai gradativamente de *instrumento* à *máquina* e, finalmente, ao *aparelho*. Do primeiro, Flusser diz que atua como um prolongamento do homem e serve para retirar objetos da natureza, transformando-os, num processo a que chama *trabalho*, que produz um resultado nomeado *obra*. Com a Revolução Industrial, esses instrumentos se desenvolveram, chegando às *máquinas*, sendo muito maiores e eficazes, e, portanto, mais caras e acessíveis a poucos (os capitalistas). Quanto à época de seu surgimento, os aparelhos seriam próprios da era pós-industrial e não seriam máquinas, mas brinquedos, e quem o manipula não é o *homo faber*, sim o *homo ludens*. Por fim, Flusser, identifica duas propriedades importantes na relação do aparelho com o seu utilizador: “em toda função dos aparelhos, funcionário e aparelho se confundem” e “a competência do aparelho deve ser superior à competência do funcionário”. Essas propriedades têm como consequência o domínio do aparelho pelo funcionário, que controla *inputs* e *outputs*, e que, no entanto, é dominado pelo aparelho, uma vez que ignora os processos realizados em seu interior.

Diante desse breve exame, é possível propor que os telefones celulares sejam observados como objetos ou aparelhos. Coincidentemente ou não, esses dois termos

são ricos em desenvolvimento nos sistemas psicológicos, especialmente a psicanálise.

De fato, a ideia de *aparelho* é fundamental para a psicanálise e está presente, por exemplo, na locução *aparelho psíquico*. No entanto, para os fins deste estudo, a conceitualização de *objeto* se mostra mais produtiva, especialmente quando se atenta para a pluralidade de significações de uma escola para outra. Ante os limites em que este texto deve se situar, serão abordadas brevemente as ideias de três autores: Freud, Winnicott e Lacan.

Primeiramente, em Freud (2017, pp. 25-27), tem-se o objeto como um dos destinos da pulsão e, em relação a esta, mostra-se como o que há de mais variável, “não estando originariamente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação”.

O conceito freudiano foi desenvolvido por vários autores, que o qualificaram ou especificaram. Winnicott (2019) propõe a ideia de *objetos transicionais* para designar aqueles objetos presentes no processo de aceitação da diferença e da similaridade, constituindo a parcela visível da jornada que se desenvolve em direção à experiência. Para diferenciá-lo do *objeto interno* kleiniano, especifica que não se trata de um conceito mental, mas uma posse, e registra sua reiteração no decorrer da vida do sujeito, uma vez que “iniciam os seres humanos naquilo que eles sempre consideração importante, ou seja, uma área neutra da experiência que não será posta à prova” (p.31).

Han (2022, pp. 53-56) se opõe à classificação do telefone celular como um objeto transicional, pois este abre espaço de diálogo e promove encontro da criança com o outro, estabiliza a psique, enquanto o *smartphone* fragmenta a atenção e desestabiliza a psique; em suas palavras, “entramos em pânico total quando perdemos nosso *smartphone*”.

Lacan se refere ao objeto em diferentes momentos de sua obra. Provavelmente, a menção mais recorrente seja a de *objeto a*, em que, segundo Nasio (2017) ocorre quando há a redução da mãe, objeto impossível do desejo incestuoso, ao seio alucinado, objeto parcial do desejo, numa passagem em que há dupla redução em que tanto o Outro quanto o sujeito se identificam com esse objeto de desejo. É a operação modal que gera a *fantasia*.

Conceito fundamental na obra de Lacan, considerado por ele mesmo como sua única contribuição original na psicanálise, o *objeto a* certamente tem aplicação na análise da relação humana com o telefone celular. No entanto, os limites deste artigo se apresentam mais propícios à abordagem de duas outras passagens da obra lacaniana, sendo a primeira uma indagação e a segunda um neologismo.

Na conclusão da intervenção realizada em Roma em 1974, Lacan (2022, p. 60) afirma que o futuro da psicanálise advirá do real e questiona se “as bugigangas (*gadgets*), por exemplo, realmente tomarão a dianteira? Chegaremos a nos tornar nós mesmos fatos animados pelas bugigangas (*gadgets*)?”.

Lacan não acredita nessa possibilidade naquele momento, mas não nega que os *gadgets* se apresentam como sintoma: “é evidente que alguém possa ter um carro como uma falsa mulher”(Lacan, 2022, p. 31).

Em análise sobre os *gadgets*, Antelo (2008) revisa a menção lacaniana a eles e constata que o território por eles colonizado, e aquele em que o capital se nutre, está situado na distância que vai da organização das necessidades à organização dos desejos, reflete sobre o aspecto de novidade ser mais importante que a possível utilidade dessa classe de objetos, anota que o trabalho segue a trilha do automatismo e transforma o ócio em imposição do mercado e indaga, por fim, qual o mecanismo que atribui a objetos desnecessários a qualidade de indispensáveis.

Percebe-se, portanto, que a contextualização dos *gadgets* se reveste de importância, pois, conforme visto até aqui, seu exame se alonga de Lacan a Han.

Por fim, o neologismo lacaniano que se pretende mencionar aqui é *lathouse*. Levy e Martin-Mattera (2017) informam que a criação do vocábulo se deu entre os anos de 1969 e 1970 e, como resposta, ao conceito heideggeriano de verdade, advindo do grego *aletheia*. Assim, para definir os objetos produzidos pela ciência, Lacan se serve de *lethe* (“esquecimento”, que ganha o sentido de verdade quando prefixado pela letra alfa de negação em *aletheia*) e *ousia* (particípio presente feminino do verbo *sein*, “ser”). Dessa forma, os objetos engendrados pela ciência seriam objetos definidos pelo *esquecimento do ser*.

Em desenvolvimento posterior, os autores aproximam *lathouse* e *gadget*, sendo este último um objeto vindo do discurso científico e a primeira a organização social colocada pelo discurso capitalista - que se soma aos quatro discursos expostos

por Lacan (2016). Como uma possível identificação dos dois conceitos, Levy e Martin-Mattera (2017, p. 313) citam o *smartphone*, e descrevem a ocorrência de uma versão moderna de objeto, que satisfaz um gozo substituto e se apresenta, simultaneamente, como suportado pelo vazio do virtual.

Completa-se, dessa forma, o exame de diversos posicionamentos a respeito do estatuto do telefone celular e sua contextualização nos tempos atuais e no domínio da psicanálise.

Passa-se, agora, ao conceito de *nomofobia*.

V.III - A NOMOFOBIA

Como exposto na introdução deste estudo, o termo *nomofobia* é de uso recente. Vasanthakumari e Wakuma (2019) e Bhattacharya (2019) informam que a primeira aparição ocorreu em um estudo da YouGov, uma entidade de pesquisa britânica, em 2008. O estudo foi encomendado pelos correios do Reino Unido e tinha como objetivo avaliar a possibilidade de ocorrência de distúrbios de ansiedade em razão do uso excessivo do telefone celular.

Segundo Hasmawati (2020), a nomofobia possui traços multidimensionais que abrangem sintomas físicos, fisiológicos e sociais, que podem ser resumidos em uma grande dependência do *smartphone*.

Como dependência, a nomofobia pode ser considerada como uma adicção. Costa (2017) busca no uso jurídico a definição para *adicto*: um escravo por dívida. Explica, ainda, que, no Império Romano, o homem que não tinha condições de saldar uma dívida se tornava escravo de seu credor. Numa abordagem psicanalítica, propõe que “na adicção o sujeito torna-se escravos de seus vícios, compulsões e paixões” (p. 5), e aponta que na cultura atual há um enfraquecimento dos vínculos humanos que acarreta a ênfase da individualização, não havendo lugar para a falta, sofrimento ou desespero.

Han (2022, p. 51) aponta para o aspecto de dependência de que o uso do celular pode se revestir. Afirma que “o *smartphone* se estabelece como objeto devocional do regime neoliberal” e que “o *like* é como o amém digital”.

A conduta do nomofóbico, ou seja, daquele se torna ansioso ante a possibilidade de ficar sem seu aparelho celular, pode ser descrita como a de alguém de quem se retirou uma ilusão de fuga. Nas palavras de Kierkegaard (2010, p. 61):

“quando alguém se julga feliz e se envaidece com sê-lo, ao passo que à luz da verdade é infeliz, está a cem léguas de desejar que o tirem do seu erro”.

Ao investigar as causas da nomofobia, depara-se com um exemplo daquilo que Virilio (2010) designou como *acidente artificial*, que, diferentemente do acidente natural, é resultado de uma inovação de um artefato ou de uma matéria substancial.

Assim, se se toma a asserção de Hasmawati (2020) de que a nomofobia é definida pelo medo de não ter um *smartphone* causada pela adicção no uso deste na vida diária e, portanto, o medo de não poder contactar pessoas ou ser por elas contactado, é possível dizer que a causa primeira da nomofobia é o próprio surgimento do aparelho celular, numa duplicação da metáfora de Virilio de que a invenção dos navios possibilitou os naufrágios.

É Virilio (2010) também quem alerta que é necessário proteger-se do excesso de velocidade virtual que surge inesperadamente da substância, ou seja, que está por baixo da consciência produtiva da consciência produtiva do engenheiro. A ideia dialoga com a inesgotabilidade do aparelho defendida por Flusser, como se viu acima.

É, portanto, possível apontar a infinitude do fluxo informacional proporcionado pelas tecnologias digitais como uma das causas para a dependência que causam e, conseqüentemente, para a nomofobia. O celular nunca diz *não*, mostrando-se como fonte inacabável de satisfação, ou da ideia de satisfação. Estar sem ele constituiria a privação do acesso a esse mundo. Nesse sentido, Kallas (2016) elenca a necessidade de se estar visível online, a ausência do adiamento de gratificações e o alto grau de imprevisibilidade e novidade da internet (fazendo dela um meio psicoativo) como fatores da dependência gerada aos meios digitais, anotando ainda a facilidade de se “deletar o outro” (p. 55). Aponta também o baixo custo e o fácil acesso como agentes que transformam os indivíduos em partes constitutivas de uma imensa rede impessoal.

Observadas as causas da nomofobia, é cabível indicar algumas de suas conseqüências. Hasmawati (2020) elencam como decorrência da nomofobia a sensação de insegurança, ansiedade e episódios de pânico; entre os nativos digitais (considerados por eles, os nascidos neste século), observaram também a sensação de frustração por não conseguir acesso ao aparelho celular.

Os mesmos autores apontam ainda que a pessoa com nomofobia pode desenvolver Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), introversão, ansiedade e isolamento social, dificuldades em expressar seus sentimentos em interações pessoais e, ainda, pode apresentar dificuldades para comunicação e estabelecimento de vínculos de amizade (*idem*, p. 129)

Abordados os elementos constitutivos do título e dos propósitos deste artigo, passa-se à revisão bibliográfica.

V.IV - OS MALEFÍCIOS DO USO DO CELULAR EM SALA DE AULA

Há inúmeros malefícios em relação ao uso do celular em sala de aula, em especial com crianças do Ensino Fundamental ao qual focou-se o presente estudo. A nomofobia no contexto escolar tem sido alvo de inúmeras pesquisas e a maior parte delas aponta especificamente para os pontos negativos.

Dentre todos, um dos mais preocupantes tem sido a falta de concentração, já que para absorver o conteúdo abordado pelo professor, precisa-se estar atento às orientações, explicações e ensinamentos e o celular por sua vez atua como um distrator ao aluno, tem inúmeros assuntos de interesse no dispositivo e mesmo que a aula em que esta seja interessante o mesmo vai procurar o dispositivo para entreter-se.

Os adultos são espelhos de como a nomofobia tem atrapalhado o convívio social, empregatício, já que sempre buscam pela forma mais rápida de resolver as coisas, que no caso é através do celular, se tem alguma dúvida recorre-se a ele, se precisa se comunicar, fazer compras, pesquisas de preço e até nos relacionar com as pessoas, sempre recorrendo a ele; os adultos, que compreende tanto que este vício tem prejudicado não consegue distanciar do celular, podendo ter dimensão do quão desafiador isso tende a ser aos pequenos.

Mesmo que muitas vezes prazeroso, lidar com o celular pode ser extremamente estressante às crianças, já que o mesmo, traz desafios, como por exemplo através de jogos; uma criança nomofóbica tende a cada vez mais se viciar em jogos e redes sociais e além de ser prejudicada pela compulsão do vício, a mesma se estressa por não conseguir passar as fases do jogo ou até por não conseguir a quantidade de likes nas redes sociais e os seguidores que almeja, se tornando

alguém que se cobra em demasia, se compara com os demais e se estressar por não obter os resultados esperados.

Além do estresse, depressão e ansiedade infantil, tem sido pautas cada vez mais frequentes em conselhos escolares, o que tem aumentado significativamente após o aumento do uso do celular por crianças e adolescentes; por terem acesso a inúmeras informações (nem sempre reais) os mesmos tendem a se comparar, se cobrar e se frustrar em demasia, ocasionando um desses fatores. O que pode também ser responsável pelo aumento dessas doenças precocemente é a falta de atividade física, já que com menos atividade física o corpo tende a liberar menos endorfina e serotonina que são ditos como os hormônios do prazer e da felicidade e isso tudo graças ao sedentarismo gerado pelo uso excessivo do celular.

O ser humano tende a sempre ter um foco e quando o estudante tem o foco em obter muitos likes, seguidores ou até mesmo ganhar partidas ranqueadas no celular este se dispersa do seu real objetivo no âmbito escolar, que é aprender matérias/ conteúdos que o ajudarão na sua vida adulta e obter boas notas, é quando mais uma vez percebe-se que o celular prejudica a vida desse; além de suas obrigações como aluno, por estarem mergulhados neste mundo virtual, se esquecem de suas responsabilidades como seres humanos.

Diante de tais considerações podemos pensar que tudo já é muito prejudicial e que nada mais pode prejudicar esses estudantes, e é aí que nos enganamos, pois a nomofobia no contexto escolar pode também promover o bullying virtual, falta de estímulo em lidar com o mundo real e com as pessoas.

Para Pinheiro e Pinheiro (2019):

Acreditamos na urgência da Educação para as Mídias, pois ela envolve não apenas aspectos prementes da aprendizagem de várias habilidades, mas também deve desenvolver um espírito de criticidade, de uso das mídias para construção de argumentos, de contra-argumentos, de relações que devem perpassar o ambiente virtual (PINHEIRO E PINHEIRO, 2019)

A educação precisa urgentemente de medidas para lidar com a nomofobia no ambiente escolar, já que o mesmo tem sido demasiadamente prejudicial, não apenas aos alunos, mas a todos que estão inseridos nos ambientes de ensino.

Já que tudo gera mudança, que possamos então buscar mudanças positivas e usar a tecnologia e o uso do celular especificamente para o bem da educação e do processo de aprendizagem, perscrutando alternativas benéficas, em que o uso deste

dispositivo móvel não atrapalhe, mas sim contribui neste processo, não viciando, mas sim trazendo bons resultados para a educação das crianças e adolescentes.

Para Pinheiro e Pinheiro (2019)

Como vemos, aprender é processo que perpassa pelo corpo e pela ação deste sobre o meio, gerando uma mudança de comportamento, pois diante do aprendizado percebe-se e desvela-se um novo olhar sobre o que antes se achava sabido (PINHEIRO E PINHEIRO, 2019).

A nova geração de alunos no ensino fundamental, vem trazendo a necessidade de avaliar melhor o uso do celular em sala de aula. O aparelho está cada vez mais presente no dia a dia das crianças, inclusive nas salas de aula, já que está sendo um meio para a aprendizagem. Por outro lado, os seus malefícios e desvantagens como falta de atenção com distrações, desviam o seu foco na aprendizagem.

Apesar do celular na sala de aula ter seus benefícios, surgem alguns desafios na realidade escolar relacionados ao seu uso. Os alunos nem sempre vão ter o discernimento de saber o que vai afetar com o uso do celular na sua vida escolar, por isso os pais precisam ficar atentos. Alguns alunos acabam utilizando o celular para outros meios, como joguinhos, vídeos de entretenimento em vez de utilizá-lo como uma ferramenta de aprendizagem. Além disso, os alunos começam a ter uma grande dependência do celular, tanto na escola como fora também, afastando mais ainda na sua vida escolar e pessoal, com isso crianças e adolescentes tendem a ficar "hipnotizados" pelas telas. Se não houver controle, isso pode comprometer o desenvolvimento cognitivo, além de tirar o foco dos conteúdos na sala de aula.

Com base nessa reflexão, vemos que uma das principais funções da escola é formar, através do seu processo de ensino-aprendizagem, a consciência crítica do aluno, sendo que ensinar não é apenas uma transmissão de conhecimento, mas de criar possibilidades para a sua própria aprendizagem.

Para PRENSKY (2004, p.1240)

Como toda novidade, a internet ainda é usada sem limitações, o que nos traz uma grande preocupação. É certo de que se trata de uma ferramenta que proporciona maravilhas além de auxiliar e potencializar a disseminação do conhecimento, mas devemos estar atentos, precavidos, orientando nossos alunos em como se proteger das ameaças virtuais (PRENSKY, 2004).

Assim se faz fundamental, atualmente, pensar que a nas escolas pode-se educar sem usar o celular de modo que prejudique os alunos, fazendo com que eles aprendam sem depender diretamente do aparelho celular, evitando assim o desvio

de atenção até mesmo o bullying virtual nas escolas. Em pleno século XXI há ainda educadores que lutam para justificar o não uso do celular nas salas de aula.

V.IV – O PAPEL DO DOCENTE

Com os avanços tecnológicos e o uso excessivo do aparelho celular, o docente que é contra a utilização da tecnologia em sala de aula se vê em uma encruzilhada, sendo visto como ultrapassado e tradicional. Desta forma havendo uma necessidade de se adaptar e inovar em suas práticas pedagógicas, ou seja, de utilizar como ferramenta a tecnologia, para que desta forma os discentes possam compreender com facilidade o conteúdo proposto, gerando assim novos conhecimentos.

Na internet é possível encontrar uma grande quantidade de informações tendo fácil acesso, o que pode proporcionar para o estudante um leque de conhecimento, ele se depara com vários materiais educacionais de grande qualidade. Perante tais informações é preciso que o docente constantemente se atualize, adquirindo novas estratégias e aperfeiçoando suas habilidades pedagógicas, para que desta forma ele possa utilizar da tecnologia como recurso pedagógico, fazendo-a inovadora e atraente para o aluno.

Segundo Sampaio e Leite (1999, p. 31):

Os estudiosos que tentaram produzir conhecimento a respeito do crescente avanço da tecnologia em diversos campos de atuação possuem uma preocupação: que ideias humanitárias de justiça social e igualdade estejam fundamentando o uso das tecnologias no mundo. Alguns que as percebem como produtos e produtoras da subjetividade humana sinalizam para o caráter dialético desta relação homem/tecnologia que é a própria dialética social (SAMPAIO; LEITE, 1999).

Desta forma é preciso que o docente transmita as informações adquiridas, mas que tenha plena atenção no que irá informar, e não apenas detenha esse saber para si. Que envolvam os alunos durante o conteúdo, por meio das experiências dos mesmos.

Os professores e gestores com a tentativa de banir os celulares da sala, mesmo sem sucesso, reconhecem a dificuldade de dividir a atenção dos alunos com a tecnologia. Seria ideal que os alunos e professores se juntassem para construir formas de utilizarem a tecnologia a favor de ambos. Utilizar o aparelho como forma de estudo e não como forma de distração.

Colocar controle sob o uso de aparelhos tecnológicos pode favorecer o desenvolvimento cognitivo e melhorar o foco nos conteúdos passados pelo professor. Existem vários métodos para “controlar” o uso do celular, muitos professores gostam de guardar todos os celulares dos alunos em uma caixa para só assim começar sua aula. Muitos profissionais dizem que os estudantes precisam aprender a gerenciar o tempo.

V.V- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Dentre os dezesseis artigos revisados para os fins deste estudo, verificou-se que quatro deles apresentam apenas aspectos positivos no que se refere ao uso de telefone móvel por crianças, um artigo somente aspectos negativos, sete indicam tanto aspectos positivos quanto negativos, três não se pronunciam sobre o tema e um apresenta potencialidade para pontos positivos desde que observados parâmetros de qualidade por parte das autoridades competentes.

Os artigos que apontam apenas aspectos positivos são Panovski (2021), Silva (2020), Tavares (2020) e Silva e Magalhães (2020), esses destacam o uso da tecnologia como aliada no ensino e na aprendizagem considerando que o uso de ferramentas tecnológicas é visto como incentivo e uma maneira de tornar as aulas mais atrativas para os alunos, principalmente dos anos iniciais. Tais artigos também mencionam a importância da capacitação dos educadores para a compreensão e uso das tecnologias digitais na alfabetização das crianças e a necessidade da implementação das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) como recurso auxiliar na formação dos docentes, para que a alfabetização ocorra de maneira eficaz e seja prazerosa e criativa, o que resulta em um maior aproveitamento escolar.

Siqueira e Freire (2019) abordam pontos negativos do uso da tecnologia, enfatizando problemáticas relacionadas a habilidades sociais, que podem ser prejudicadas devido à dependência tecnológica. Além disso, ressalta-se que o uso exagerado da tecnologia pode gerar consequências negativas ao desenvolvimento infantil, sendo essas consequências físicas, mentais ou emocionais, os autores também discutem os potenciais problemas de ser cada vez mais incomum encontrar amigos, já que esses atualmente são substituídos por grupos de bate-papo em diferentes redes sociais, “não mais se fala e sim se digita” comentam os autores

(p.31). Dessa forma, nota-se a potencialidade para a formação de dificuldades relacionadas ao desenvolvimento das habilidades sociais das crianças, que podem, assim, não aprender como se expressar verbalmente, o que aconteceria habitualmente, porém com a implementação das tecnologias desde muito cedo na vida das crianças não existe a garantia de que isso ocorra, já que essas aprendem majoritariamente a se comunicar virtualmente.

Dos artigos que relacionam aspectos positivos e negativos, Neufeldt (2021) e Santos (2020) evidenciam que o uso da internet e da tecnologia na educação infantil possui muitos benefícios desde que tal uso seja monitorado pelos responsáveis e/ou professores, “(...) mesmo que a internet seja um caminho para a ampliação dos conhecimentos, há a necessidade de um mediador” (Neufeldt *et al*, 2021, p.5), sendo assim, é observado que o uso das tecnologias sem devida supervisão pode ser prejudicial na alfabetização das crianças, já que essas podem fazer o uso excessivo e inadequado de tais tecnologias.

Nagumo e Teles (2016) abordam ideias semelhantes às anteriores, porém ressaltam a necessidade das instituições de ensino e os professores prepararem os estudantes para o uso da tecnologia em ambiente escolar e, assim, trabalharem também a ética perante a utilização da tecnologia.

Esper e Alves (2022), Paiva e Costa (2015) e Taborda (2019) apontam as problemáticas relacionadas a frequência do uso das tecnologias, além disso, contrastam os aspectos positivos e negativos em relação ao uso das ferramentas tecnológicas, que em excesso é prejudicial para a formação e desenvolvimento das crianças, mas quando realizado de forma moderada influencia positivamente e é benéfico para o ambiente escolar. Diferente desses, Zuin e Zuin (2018) enfatizam a possibilidade de problemas como o cyberbullying e concentração dispersa crescentes em ambiente escolar, o que são pontos negativos perante o uso de celulares em sala de aula, porém da mesma maneira a manutenção do interesse do aluno e um maior incentivo para a aprendizagem podem ser estimulados pelo próprio.

Pimentel e Feitoza (2017) abordam o uso da tecnologia no ensino e aprendizagem como positiva, desde que existam condições para o bom aproveitamento desta. Além disso, o uso da tecnologia móvel no contexto escolar é visto como mecanismo facilitador do ensino e aprendizagem das crianças, e fazem-

se necessárias não apenas inovações tecnológicas, mas também de ideias e que as autoridades entendam as funcionalidades, possibilidades e inovações dos celulares e das tecnologias para a ampliação das vias da educação infantil. Assim, é possível visualizar novas possibilidades de ensino “(...) a figura do professor é um fator determinante em qualquer sala de aula, porém, destacamos que, com a inserção dos dispositivos móveis, podemos recriar possibilidades, repensar saberes (...)” (p.131).

Dutra (2020) discutem as problemáticas perante a implementação da *mobile learning* nas estratégias de ensino, considerando que a utilização de tecnologias digitais é proibida em sala de aula em diversos municípios brasileiros, porém a implementação dessa pode ser benéfica para a aprendizagem das crianças, além de constituir e (re)significar a docência.

Sendo assim, Costa e Pimentel (2018) abordam a existência de crianças excluídas digitalmente (crianças que nasceram na era digital, porém não estão inseridas nesse contexto por questões econômicas), uma dificuldade na implementação da tecnologia no ensino e aprendizagem das crianças. Ademais é enfatizada a importância do entendimento da cultura digital, já que, todos os aspectos da ação humana são afetados pelas tecnologias, dessa forma, existindo mudanças nas relações sociais e na dinâmica da vida de todos, principalmente das crianças.

A temática do uso de celulares também traz curiosidade sobre os efeitos biológicos deste para os seres humanos, assim, Balbani e Krawczyk (2011) abordam essa temática, concluindo que não é comprovado a indução de danos ao desenvolvimento do sistema nervoso central pela exposição à radiação dos celulares pré ou pós-natal.

Além dos pontos destacados anteriormente, também foram identificados nos artigos revisados alguns sintomas da nomofobia, são estes: ansiedade, propensão a crises de pânico, desobediência, maior irritabilidade, aumento do nervosismo, distração, entre outros, todos esses resultando em um denominador comum, a ineficácia do desempenho escolar e a alteração de comportamentos nas crianças.

Em Santos (2020) é possível identificar registros de episódios de nomofobia a partir de relatos dos entrevistados, “(...) as crianças ficam distraídas, irritadas, desobedientes e nervosas, a ponto de destruir o celular, quando não consegue utilizá-lo (...)” (p.600-601).

Ademais, Paiva e Costa (2015) relatam que a nomofobia prejudica o vínculo afetivo das crianças com a família, além de atrapalhar no desempenho escolar:

O uso indiscriminado da tecnologia desconstrói o vínculo afetivo entre os membros da família, nesse sentido, a ausência de referência de natureza emocional dificulta as crianças a desenvolverem sua cognição no âmbito escolar, pois, a falta de equilíbrio entre o aspecto cognitivo e afetivo compromete o desempenho escolar dos alunos (PAIVA; COSTA, 2015, p.02).

Como último registro tem-se anotação de Taborda (2019) que adiciona a opinião da terapeuta canadense Cris Rowan de que o déficit de atenção, às dificuldades de aprendizagem, os atrasos cognitivos, a impulsividade e os problemas em lidar com sentimentos estão ligados a superexposição das crianças aos celulares, além de mencionar também efeitos prejudiciais à saúde física e mental dessas perante a influência do uso da tecnologia:

(...) os efeitos prejudiciais para a saúde física e mental destes são dores de cabeça, alterações posturais, prejuízos na visão, prejuízo na hora de dormir e obesidade; problemas sociais, como depressão, ansiedade e baixa autoestima, problemas de aprendizagem, de afinidade com outras pessoas, carência e agressividade (TABORDA, 2019, p.47).

Encerrado o levantamento das referências aos episódios de nomofobia registrados nos artigos em revisão, passa-se a análise da postura dos educadores.

VI - DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Trata-se de uma pesquisa de opinião realizada pelo registro de questões pelos Google Formulários, com o objetivo de reunir diversas informações referentes ao uso do telefone celular.

Os entrevistados responderam ao questionário de forma anônima. Ao todo, responderam à pesquisa 532 pessoas, distribuídas nos seguintes recortes etários: 8 a 71 anos.

Os principais resultados gerais dizem respeito às parcelas que utilizam o celular, aos usos feitos e à sensação de dependência e eventual prejuízo em decorrência do uso do aparelho.

Em relação à faixa etária focalizada pelo trabalho (6 a 10 anos, correspondente a 25,6% da pesquisa), observa-se que 100% relatam utilizar o celular, sendo que parte significativa desse contingente (30,9%) relata que esse uso não é

supervisionado por algum responsável. Tais dados reforçam os objetivos iniciais da pesquisa, pois tornam possível a quantificação e a qualificação do uso de telefone móvel em um recorte ainda não contemplado pelas pesquisas oficiais.

Os resultados compilados permitem, ainda, reconhecer a atualidade da problemática motivadora da pesquisa, uma vez que subsidiam o exame das consequências do uso do celular nos anos iniciais. No entanto, a consolidação das respostas destoa, em alguns pontos, da percepção geral dos educadores. Tal discrepância pode, inclusive, evidenciar um dos efeitos do uso indiscriminado do celular na faixa etária abordada: a falha perceptual decorrente da imaturidade dos respondentes.

Quanto às indicações referentes ao tempo diário de uso do aparelho, observa-se que as faixas mais apontadas não condizem com o tempo constatado pelos educadores em ambiente escolar.

Também é possível sugerir que a normalização do uso diário do telefone móvel tenha contaminado a percepção desse público específico em relação à sensação de dependência investigada. Para corroborar essa sugestão, é suficiente a observação dos valores médios horários do uso e da indicação de desempenho escolar ou atividades rotineiras prejudicadas. Além disso, em comunicação pessoal, foram colhidos relatos de uso não autorizado do celular em sala de aula.

VII - ZINE

Para elaborar o Fanzine foram realizadas primeiramente pesquisas relacionadas ao tema, aprofundando em contextualização, aplicação e exemplificação. Na fase seguinte foi desenvolvido um texto de apresentação do conceito e atividades de recreação e fixação apropriados ao público alvo. Tais atividades consistiram em: um caça palavras, um desafio dos sete erros, um labirinto, uma cruzadinha, um quiz, completar as lacunas, curiosidades, vamos colorir e olha eu aqui.

Para a apresentação do Zine ao público alvo, foi elaborado um vídeo, explicando sobre curiosidades e informações sobre o tema e o que é nomofobia. Após a apresentação do vídeo e explicações realizadas por duas integrantes do grupo, foi

solicitado para que as crianças realizassem um feedback sobre o que achavam do tema abordado.

VIII- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi apresentado neste trabalho o que é a nomofobia (medo excessivo de ficar sem celular), enfatizando as diferenças, filosofias, vantagens e desvantagens para a escolarização destes alunos. Tornando possível compreender as problemáticas envolvidas quanto ao uso do celular por crianças, com ênfase no contexto escolar.

Assim, foi possível caracterizar a nomofobia como adicção e apresentar ao público alvo as consequências negativas do uso não supervisionado e em excesso do uso do celular. Por outro, foram identificadas possíveis práticas positivas realizadas com os professores, como: pesquisas, jogos e apresentação de temas, trazendo significativos resultados pedagógicos.

Por fim, destaca-se a conscientização como algo positivo tanto aos alunos quanto aos profissionais da educação.

VII. REFERÊNCIAS

ANTELO, Marcela. Os gadgets. Revista Estudos Lacanianos, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 1-16, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n1/v1n1a14.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BATISTA, S. C. F.; BARCELOS, G. T. Análise do uso do celular no contexto educacional. RENOTE, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2013. DOI: 10.22456/1679-1916.41696. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/41696>. Acesso em: 1 abr. 2023.

BALBANI, Aracy Pereira; KRAWCZYK, Alberto Luís. Impacto do uso do telefone celular na saúde de crianças e adolescentes. SCIELO, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/CQxCtrvhkrW6GdqgKPVLZ4v/abstract/?lang=pt#:~:text=Crian%C3%A7as%20que%20usam%20mais%20o,desenvolvimento%20do%20sistema%20nervoso%20central>. Acesso em: 11/03/2023.

BAUMAN, Zygmunt. La globalización: Consecuencias humanas. 1. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COSTA, Cleide J. S. A; PIMENTEL, F.S.C.A cultura digital no cotidiano das crianças: Apropriação, reflexos e descompassos na educação formal. Aracaju, SERGIPE, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/4117/2854>. Acesso em: 17 abr. 2023.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/nomofobia> [consultado em 01-04-2023].

DUTRA, P.; BERVIAN, P. V.; DA COSTA GÜLLICH, R. I. Mobile learning e o uso de apps como proposta para o ensino de Ciências. Revista Polyphonia, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 121–136, 2020. DOI: 10.5216/rp.v31i2.67099. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/67099>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ESPER, Marcos; ALVES, Renata., A NOMOFOBIA ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: OLHARES E REFLEXÕES DE DIRETORES-EDUCADORES. Rev. Espaço Acadêmico- N. 233- Mar./Abr. 2022-Bimestral Ano XXI-ISSN 1519.6186. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/59450/751375153749>, consultado em 17/04/2023.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma filosofia das fotografias. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

FLUSSER, Vilém. Do inobjeto. ARS, [s. l.], v. 4, p. 30-35, 2006. DOI <https://doi.org/10.1590/S1678-53202006000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/wWRrkk5hYQL3Fgn7m4Gnp5j/?lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HAN, Byung Chul. Não-coisas: Reviravoltas do mundo da vida. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung Chul. Sociedade do Cansaço. 2. ed. aum. Petrópolis: Vozes, 2018.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). Rio de Janeiro, IBGE, 2021.

HEIDEGGER, Martin. Que é uma coisa?. Lisboa: Edições 70, 2018.

KIERKEGAARD, Soren. O desespero humano: (Doença até a morte). 1. ed. São Paulo: Unesp, 2010.

LACAN, Jacques. O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain. A terceira: Teoria de LaÍngua. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

MARTIN-MATTERA, Patrick; LÉVY, Alexandre. Le "concep" de lathouse dans l'oeuvre de Jacques Lacan: Implications psychologiques, cliniques et sociales. Bulletin de

Psychologie, [s. l.], ano 4, n. 550, p. 311-319, 2017. DOI <https://doi.org/10.3917/bupsy.550.0311>. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2017-4-page-311.htm>. Acesso em: 17 abr. 2023.

NAGUNO, E.; TELES, L.F.; O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 97, n. 246, p. 356-371, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/371614642>. Acesso em: 11 mar. 2023.

NASIO, J.-D. 5 Lições sobre a teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

NEUENFELDT, A. E.; NEUENFELDT, D. J.; NEGRÃO, M. M. S. Tecnologias digitais na educação infantil e anos iniciais: estratégias de ensino. **Dialogia**, 2021, pp. 01-18. Disponível: <https://doi.org/10.5585/40.2022.20639>. Acesso em 12 mar. 2023.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?. **Psicologia.PT**, [s. l.], p. 1-13, 2 jan. 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

PAVNOSKI, L. .; MOTTA, M.; LOSS, T. .; HILGER, T. R. . Um panorama das pesquisas que versam sobre o uso do *smartphone* no ensino de ciências dos anos iniciais da educação básica. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 840–856, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i5.1300. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/1300>. Acesso em: 9 mar. 2023.

PATRICK, Martin-Mattera; ALEXANDRE, Lévy. Le "concep" de lathouse dans l'oeuvre de Jacques Lacan: Implications psychologiques, cliniques et sociales.

Bulletin de Psychologie, [s. l.], ano 4, n. 550, p. 311-319, 2017. DOI <https://doi.org/10.3917/bupsy.550.0311>. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2017-4-page-311.htm>. Acesso em: 17 abr. 2023.

PERNIOLA, Mario. O sex appeal do inorgânico. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante; FEITOZA, Maria Janaína dos Santos. O uso da tecnologia móvel (celular) no contexto educacional. **Revista EDaPCI: Educação à Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais**, São Cristóvão-SE, v. 17, n. 3, p. 129-139, setembro-dezembro 2017. DOI <https://doi.org/10.29276/redapeci.2017.17.034899.129-139>. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/4899/pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

PINHEIRO, Ana Paula; PINHEIRO, Fernanda. Miatização, aprendizagem e incivilização. Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 3, ago. 2019. ISSN 2675-4290. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminariomiatizacao-artigos/article/view/268>. Acesso em: 15 abril . 2023.vf

PRENSKY, M. Que você pode aprender a partir de um telefone celular? Quase anything revista de educação online, 2004. Em :www.elearningsource.info/.em: 24/10/2010.

SANTOS, T. A. S. .; REZENDE, K. T. A. .; SANTOS, I. F. .; TONHOM, S. F. da R. . A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança pré-escolar e escolar. *New Trends in Qualitative Research*, Oliveira de Azeméis, Portugal, v. 3, p. 592–608, 2020. DOI: 10.36367/ntqr.3.2020.592-608. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/188>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SILVA, Francileide Targino da. As tecnologias como aliadas da Alfabetização no ensino fundamental. *Revista Artigos.Com*,14, e2516. 2020. Disponível em <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/2516>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SILVA, Letícia Amâncio da; MAGALHÃES, Gloria Lucia. Possíveis contribuições dos recursos tecnológicos na educação infantil. **Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas**, Três Pontas-MG, 23 nov. 2020. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/1801>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SIQUEIRA, Alessandra Cardoso; FREIRE, Claudia de Oliveira. A influência da tecnologia no desenvolvimento infantil. **Revista Farol**, Rolim de Moura - RO, ano 8, v. 8, p. 22-39, junho 2019. Disponível em:

<https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/152/132>. Acesso em: 17 abr. 2023.

TABORDA, Lorena dos Santos. A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança. *Uningá Review*, v. 34, n. 1, p. 40-48, 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/3186/2101>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TAVARES, Elisabeth dos Santos; COSTA, Michel da; SILVA, Aparecido Fernando da. A educação mediada pelo uso do *smartphone como recurso pedagógico no ensino fundamental*. *Revista Paidéi@. Unimes Virtual*. Vol.12 – Número 22. Julho, 2020. Disponível em https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paid_eia/index. Acessado em: 17 abr. 2023. DOI: [10.29327/3860](https://doi.org/10.29327/3860)

VASANTHAKUMARI, S.; WAKUMA, Bizuaneh. Nomophobia - Smartphone addiction. *CCNE Digest*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 1-4, Setembro 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Vasanthakumari-Sundararajan/publication/350071278_Nomophobia_-_Smartphone_Addiction/links/604f68db299bf13c4f09de71/Nomophobia-Smartphone-Addiction.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

VIRILIO, Paul. *El accidente original*. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.

ZUIN, V.; ZUIN, A. O celular na escola e o fim pedagógico. *Educação e Sociedade*, Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cedes, v. 39, ed. 143, p. 419-435, 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018191881>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/pL4Qxj8XbMVFCY4XvZJtzzf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2023.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, S. L. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis. RJ: Vozes, 1999.

PÚBLIO JÚNIOR, Claudemir. O docente e o uso das tecnologias no processo de ensinar e aprender. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 1092-1105, jul./set., 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11190/7521>. Acesso em: 22 abr. 2023

APÊNDICE A – PESQUISA DE SATISFAÇÃO

Pesquisa de satisfação

1. Quanto você sabia sobre nomofobia antes de hoje?

muito pouco nada

2. Como você se sente quando fica sem o celular?

😊 😐 😡

3. Como você se sente após saber mais sobre a nomofobia?

😊 😐 😡

4. Nossa apresentação ajudou você?

😊 😐 😡

5. Depois da apresentação de hoje, você acha que aproveitará mais as atividades sem celular?

😊 😐 😡

Deixe aqui suas críticas, elogios ou sugestões:

Escreva seu comentário aqui:

APÊNDICE B - FANZINE



EDITORA - UNIFEOB
MAIO/2023



Projeto Integrado em Fundamentos dos Saberes psicológicos

Professora Orientadora: Tamires Camargo
Professores colaboradores: Camila Cabral,
Letícia Dall Picolo Dall Secco de Oliveira, Lucas
Francisco Martins e Matheus Verne

Autores

Ana Gabriela de Araujo	RA 23000791
Franciele Burgos da Silva	RA 23001071
Gabrielly Eliza do Couto Silva	RA 23000884
Giovanna Zenzi Moraes	RA 23000475
Helôisa dos Santos Pinto	RA 23000204
Kamila Maria Silva de Melo	RA 23000861
Laila Teixeira Leandrini	RA 23000623
Márcio André Lopes Zenzi	RA 23000128
Viviane Fonseca Mousessian	RA 23000752

A palavra de hoje é... NOMOFOBIA

Olá, vamos aprender sobre nomofobia hoje? Você já ouviu essa palavra?

Vamos começar pelo fim: normalmente, quando uma palavra termina com "fobia", ela quer falar sobre o medo ou aversão em relação à primeira parte dessa mesma palavra. Ok?

Um exemplo: "aracnofobia" quer dizer medo de aranhas.

Então, nomofobia é medo de "nomo", né.

E o que é "nomo"? Palavra estranha...

Na verdade, é uma abreviação para uma expressão em inglês que quer dizer "sem telefone celular". Agora ficou mais claro: nomofobia é o medo de ficar sem o telefone celular.





E o que esse medo pode causar nas pessoas? Normalmente, as pessoas com nomofobia podem ficar ansiosas, tristes, irritadas e sem vontade de conversar com os amigos.

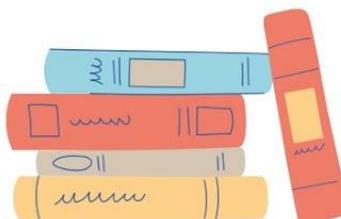
E por que é importante falar de nomofobia na escola? Porque hoje quase todo mundo usa o telefone celular, inclusive os alunos desta escola. Acontece que, muitas vezes, usamos demais o celular e em lugares e momentos que não são apropriados.

Por exemplo, você gosta de jogar no celular? Sim, né. Mas você levaria seus brinquedos para a igreja? Você gosta de ver desenhos no celular? Claro que sim. Mas a sala de aula não é o melhor lugar para isso, né.





Isso quer dizer que não pode usar celular em lugar nenhum? Não é bem assim... Duas professoras desta escola Kamila e Gabi, leram um montão de textos sobre o uso de telefone celular por gente que tem de seis a dez anos, principalmente na escola. E sabe o que elas descobriram? Elas ficaram sabendo que usar o celular demais pode prejudicar a atenção, a aprendizagem e a convivência com as pessoas que estão do nosso lado. Além disso, agora você já sabe que usar demais o celular pode causar o medo de ficar sem ele. Sim, a nomofobia.



Por outro lado, as professoras também descobriram que o uso adequado do telefone celular pode ajudar no aprendizado. Então, como saber se o uso do celular será bom ou ruim?

Bom, em resumo, o que aquele montão de textos que as professoras leram disse é que, na sua idade, o uso do celular deve ser acompanhado pelos professores e pelos pais e mães, que saberão o momento, o lugar, o tempo e a atividade em que os telefones podem ser usados.

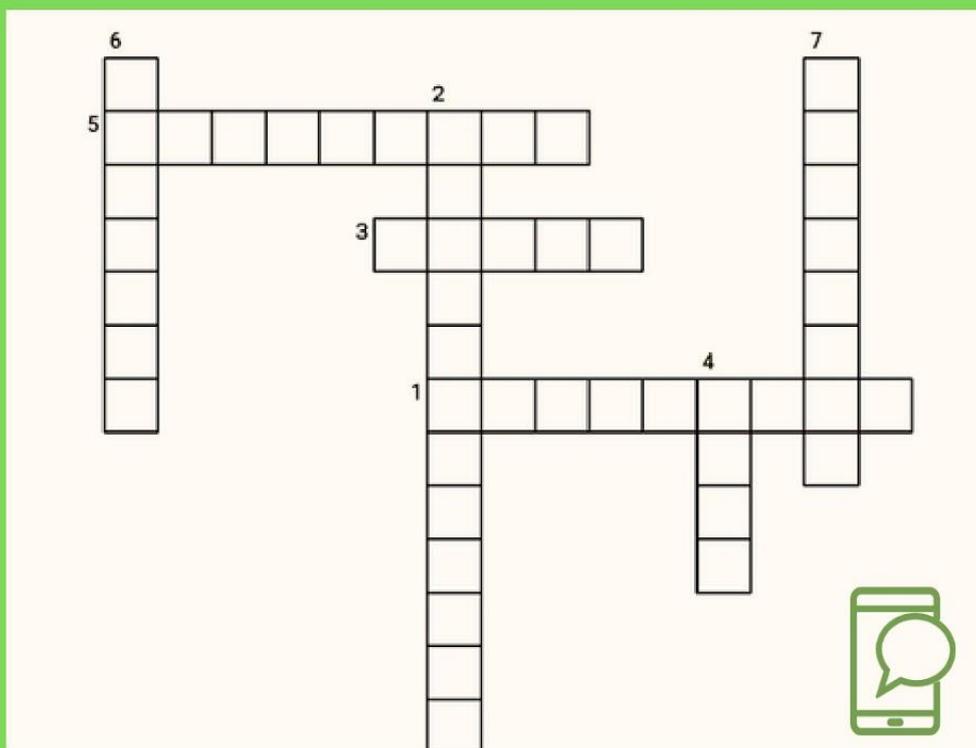
Agora, você deve estar se perguntando: mas o que vou fazer quando não puder usar o celular?

E a resposta é: Um monte de coisa! Duvida? Então, dá uma olhada nas próximas páginas...



CRUZADINHA

Complete a cruzadinha, de acordo com os seus conhecimentos sobre a NOMOFOBIA



HORIZONTAL

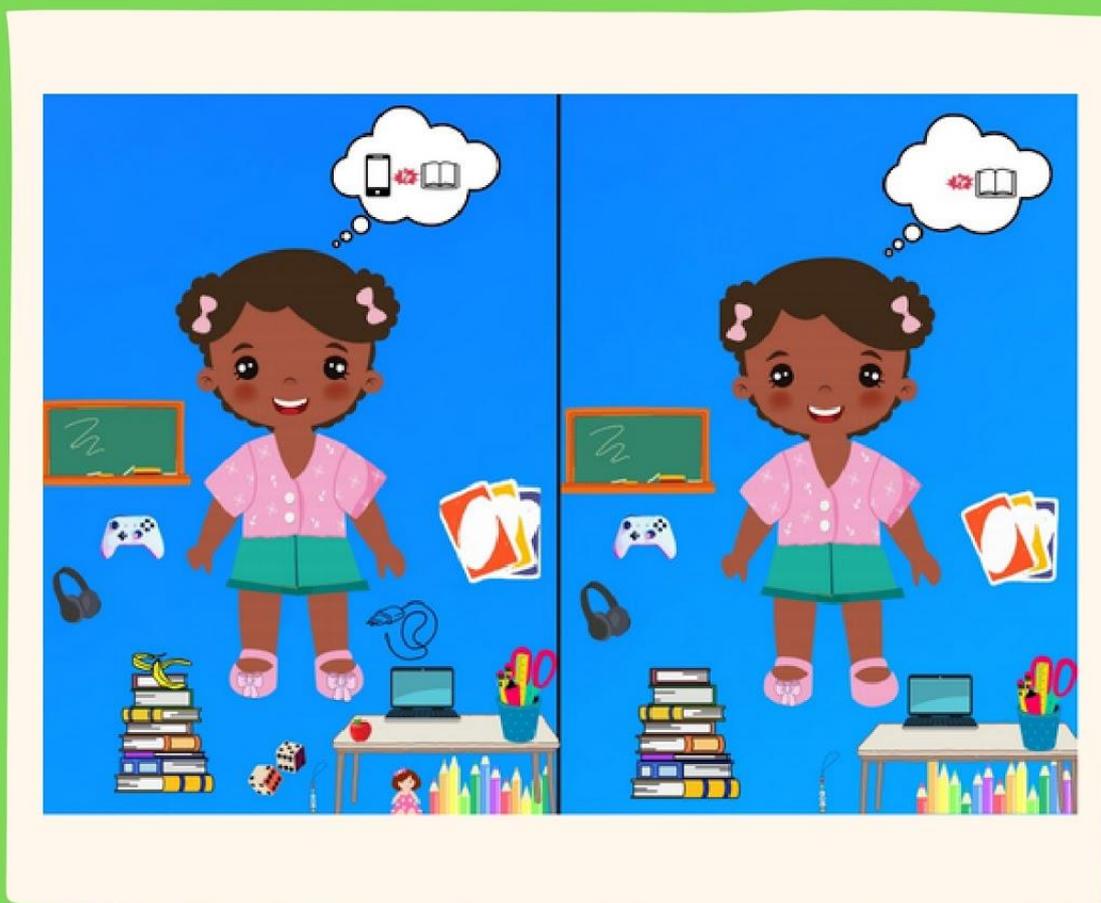
- 1 - O uso exagerado do celular, traz efeitos negativos, como...
- 3 - O uso excessivo do celular pode prejudicar a...
- 5 - Qual é o termo correto para quando uma pessoa tem MEDO de ficar sem CELULAR

VERTICAL

- 2 - O que pode substituir o celular durante o momento de lazer
- 4 - Qual idade é adequada para o uso do celular
- 6 - Se utilizar o celular no horário de dormir, isso pode causar
- 7 - Qual o profissional se deve procurar em casos de NOMOFOBIA

JOGO DOS 7 ERROS

Observe as imagens, compare e encontre os 7 erros:



Diversão



CAÇA-PALAVRAS

Complete o caça-palavras a seguir, com palavras que estavam no texto sobre **NOMOFOBIA**

N	O	M	O	F	O	B	I	A	A	S	E
A	C	E	L	U	L	A	R	P	T	Q	X
M	A	D	A	S	D	F	E	P	Q	W	A
I	C	O	N	V	E	R	S	A	R	E	G
Z	Q	P	O	I	Y	R	T	L	W	R	E
A	W	K	J	F	S	A	U	A	L	E	R
D	E	J	H	F	D	S	D	V	E	P	A
E	P	E	S	C	O	L	A	R	R	O	D
P	R	E	V	I	N	I	R	A	T	U	O

- NOMOFOBIA
- PREVENIR
- LER
- MEDO
- PALAVRA
- CONVERSAR
- CELULAR
- ESCOLA
- ESTUDAR
- EXAGERADO
- AMIZADES

COMPLETANDO...

Mostre o que você aprendeu sobre **NOMOFOBIA** e complete as frases abaixo com as palavras encontradas na página anterior:

HOJE APRENDEMOS UMA _____ NOVA: NOMOFOBIA, QUE QUER DIZER MEDO DE FICAR SEM O TELEFONE _____. ESSE MEDO NORMALMENTE É CAUSADO PELO USO _____. ASSIM, O MELHOR MODO DE _____ A _____ É USAR O CELULAR NOS MOMENTOS E LUGARES CERTOS, SEMPRE COM A ORIENTAÇÃO DOS PAIS, MÃES E PROFESSORES, EM CASA E NA _____. E O QUE FAZER QUANDO NÃO ESTIVERMOS COM O CELULAR? MUITA COISA: _____, _____, _____, FAZER NOVAS _____!

CURIOSIDADES

NO BRASIL, 78% DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES ENTRE 9 A 17 ANOS POSSUEM UM TELEFONE CELULAR.

O USO DE CELULAR CAUSA A LIBERAÇÃO DE DOPAMINA, NEUROTRANSMISSOR RESPONSÁVEL PELA SENSAÇÃO DE BEM-ESTAR E PRAZER

24% DOS USUÁRIOS ADMITEM NÃO IMAGINAR SUAS VIDAS SEM UM SMARTPHONE

MAIS DE 3 MIL CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS MOSTROU QUE HORAS ADICIONAIS DE USO DOS APARELHOS CELULARES CONTRIBUI PARA MENOS PONTOS NOS DOMÍNIOS DE COMUNICAÇÃO E PROBLEMAS SOCIAIS.

O USO EXCESSIVO PODE CAUSAR DEPRESSÃO, ANSIEDADE E ISOLAMENTO SOCIAL.



**20% DOS JOVENS NO BRASIL
NÃO FICA MAIS DE 30 MINUTOS
DISTANTE DO CELULAR, E 73% SÓ
SAI DE CASA ACOMPANHADA
PELO APARELHO.**



**A GRANDE
MAIORIA DAS
CRIANÇAS
DA INÍCIO AO
USO DE
CELULAR
ENTRE OS 6 E
7 ANOS DE
IDADE**

**A MÉDIA DAS
CRIANÇAS É DE QUASE
4 HORAS POR DIA EM
FRENTE A UM
APARELHO ELETRÔNICO**



**NO BRASIL, ESTIMAE QUE 10% DAS
CRIANÇAS SOFREM COM O VÍCIO NO
APARELHO CELULAR**

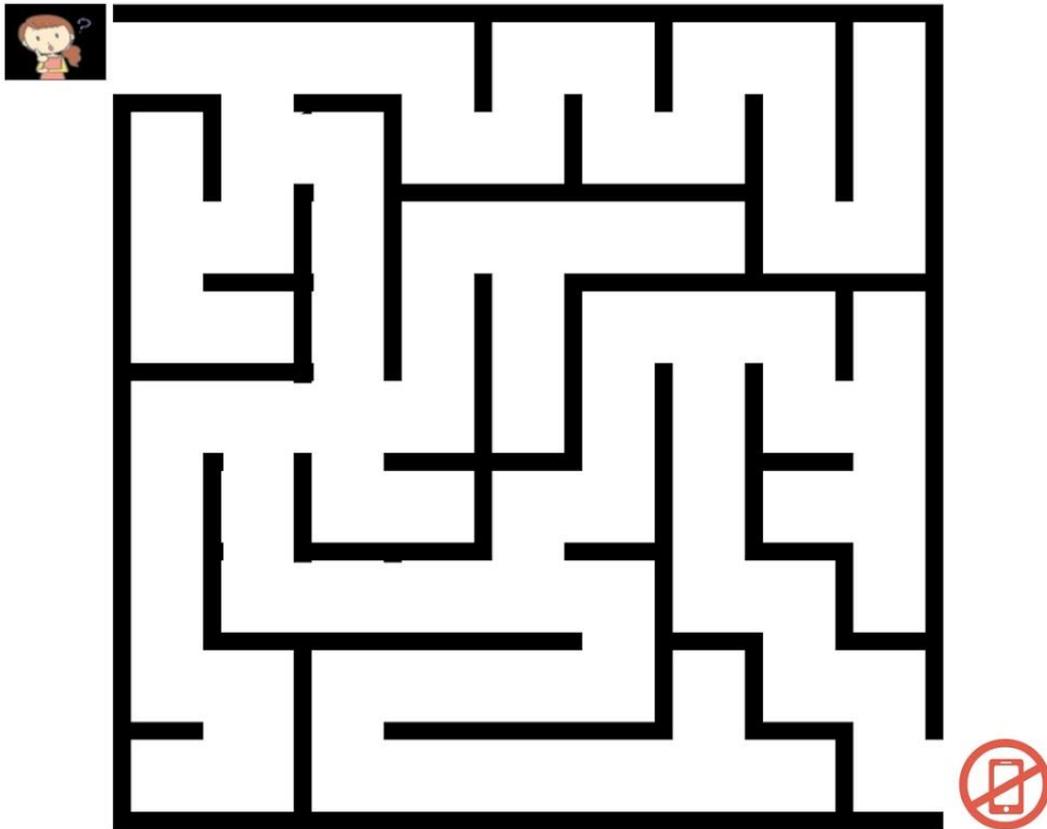


**77,8% DOS JOVENS SE SENTEM
INCOMODADOS LONGE DO APARELHO,
4,6 % SE SENTEM BEM, ENQUANTO 17,6
REVELARAM NÃO SENTIR NENHUMA
DIFERENÇA.**



LABIRINTO

Ajude a menina encontrar o caminho correto



QUIZ

Com sinceridade responda as perguntas do quiz e depois verifique a sua pontuação!

• QUANTO TEMPO VOCÊ FICA MEXENDO NO TIKTOK DURANTE O DIA?

- 1) 1 HORA OU MENOS
- 2) APENAS QUANDO VOU DORMIR
- 3) METADE DO DIA
- 4) A MAIOR PARTE DO MEU TEMPO LIVRE
- 5) FICO O DIA INTEIRO

• NA SUA OPINIÃO VOCÊ ACHA QUE VOCÊ FICA MUITO TEMPO NO CELULAR?

- 1) NÃO
- 2) UM POUCO
- 3) SIM
- 4) BASTANTE
- 5) DIA E NOITE

• VOCÊ LEVA OU LEVARIA O CELULAR PARA A ESCOLA?

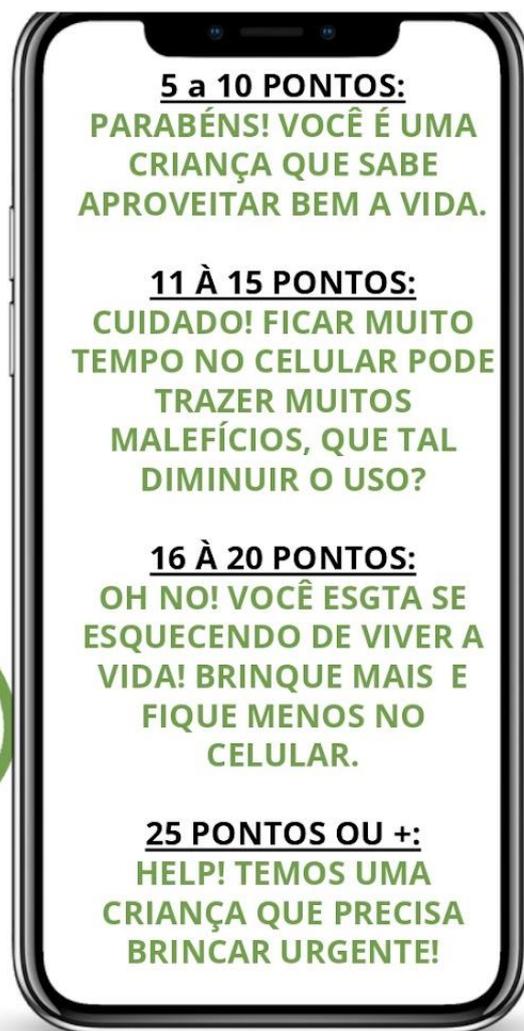
- 1) LEVO SEMPRE
- 2) LEVARIA, MAIS MINHA MÃE NÃO DEIXA
- 3) AS VEZES EU LEVO
- 4) NÃO LEVO, DEIXO EM CASA
- 5) NÃO LEVARIA PORQUE ACHO QUE ATRAPALHA O MEU DESEMPENHO

- QUANDO VOCÊ USA O CELULAR DURANTE AS ATIVIDADES, VOCÊ ACREDITA QUE O CELULAR:

- 1) AJUDA SEMPRE COM A INTERNET
- 2) AJUDA EM MOMENTOS MAIS ATRAPALHA TAMBÉM
- 3) NÃO AJUDA, POIS TIRA A NOSSA ATENÇÃO E ATRAPALHA O NOSSO DESEMPENHO
- 4) ATRAPALHA UM POUCO, POIS NA MAIORIA DAS VEZES FICAMOS NAS REDES SOCIAIS OU EM JOGOS
- 5) ATRAPALHA MUITO, POIS ME DISTRAIO TOTALMENTE.

- VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA VICIADA NO CELULAR?

- 1) NÃO
- 2) MEXO SO QUANDO CHEGO EM CASA
- 3) MAIS OU MENOS
- 4) SIM
- 5) FICO 24 HORAS NO CELULAR



OLHA EU AQUI !

Os alunos do 4º ano do Colégio El Shadai foram conscientizados pela professora, e hoje sabem os malefícios do uso excessivo do celular. Eles trouxeram algumas dicas, venham conferir!

"Não vai conseguir dormir, pois o celular deixa o cérebro animado."

Ester

"Você pode ficar muito viciado e sofrer um acidente na rua."

Heloisa

"As crianças acreditam em tudo que vê."

Lucca M.

"Quando fica muito no celular, dá dor de cabeça."

Luiz Phellipe e Samuel



"Ficar no celular por muito tempo pode dar tontura."

Maria Luiza

"Pode prejudicar a visão."

Lara

"Não vai querer brincar, pois só vai mexer no celular."

Lorena



"Porque tem coisa que criança não pode ver."

Eliza

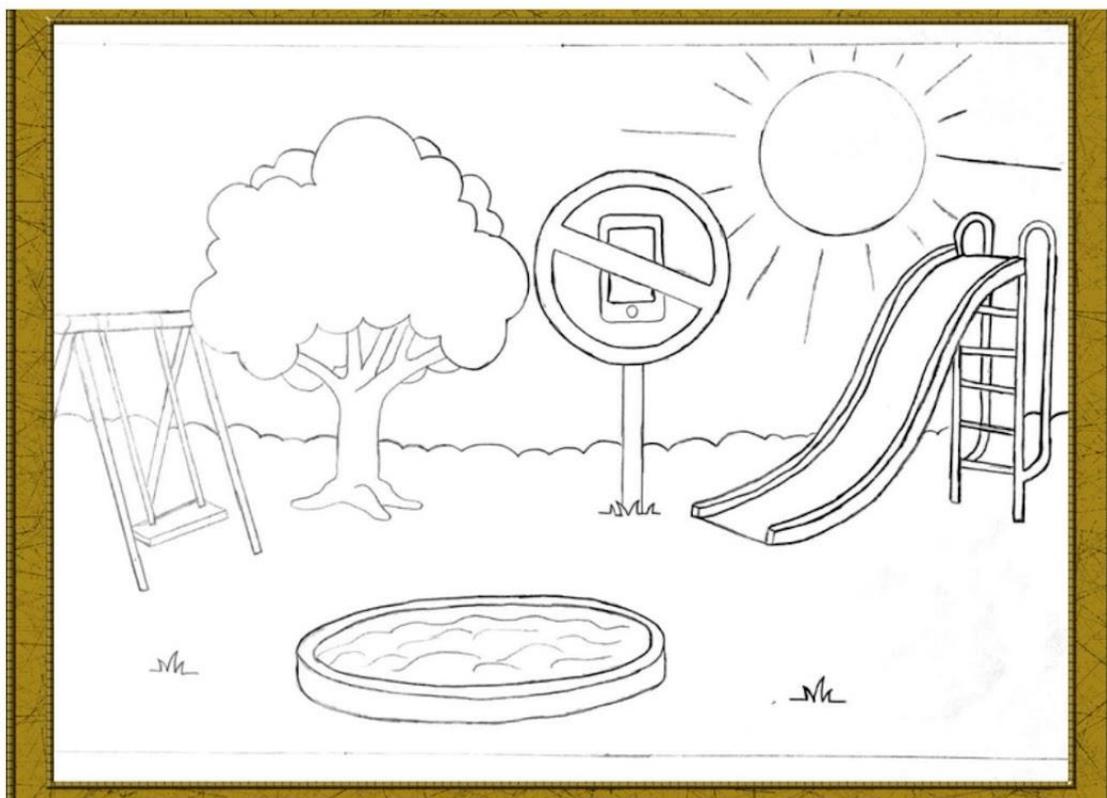
"Pode prejudicar a coluna."

Christian



VAMOS COLORIR?

Com capricho e autonomia pinte este lindo desenho mostrando os seus dons artísticos!



APÊNDICE C – PESQUISA NOMOFOBIA

<mailto:https://docs.google.com/spreadsheets/d/1suyyXJOOBpjV9tNPeOGfWDGpFm90PoZP0FFJxrCx0FA/edit#gid=498707495>